

(coord.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.

SENNETT, Richard, (1989).

Declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

SINGLY, F., (1997). La mobilization familiale pour le capital scolaire. In: DUBET, F. (coord.). *École, familles: le malentendu*. Paris: Textuel.

LAJONQUIÈRE, Leandro de.
Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

Para todos aqueles que já se interessam ou têm expectativas sobre aquilo que pode advir da conexão entre psicanálise e educação, este livro constitui passagem obrigatória. Como se sabe, há em todo trabalho que se inscreva nesse campo uma referência, implícita ou explícita, ao pronunciamento de Freud sobre o caráter impossível do empreendimento educativo. "Impossível" que ele usa também para subscrever dois outros empreendimentos: o de governar e o de psicanalisar.

Fato curioso, e sempre anotado, que Freud tenha intercambiado esses três impossíveis. Mais curioso e interessante ainda é quando os vemos operando dentro do campo de conexão entre psicanálise e educação, como demonstra Lajonquière logo na introdução do trabalho, tratando das tradições de investigação que compõem a história desse campo.

Primeiramente, a idéia de *psicanálise aplicada*, que bem poderíamos dizer que reflete uma tentativa de colocar a psicanálise para *governar* o processo educativo, uma vez que se espera dela uma oferta técnica. Ou ainda, em um segundo momento, a *indagação conceitual*, perspectiva na qual a psicanálise comparece tratando de questões comuns ao processo educativo, o que bem poderíamos dizer que reflete uma tentativa de colocar a psicanálise para *educar* os agentes desse processo. E, por último, a perspectiva que chamaríamos de colocar a psicanálise para *psicanalisar* o processo educativo, na medida em que toma o discurso pedagógico hegemônico (aqui como ilusões psico-pedagógicas) como uma formação sintomática.

Ao tratar o ideário pedagógico que rege o cotidiano escolar, não como um conjunto de idéias neutras, forjadas a partir de pesquisas acadêmicas, mas como a expressão da representação que se tem da criança hoje em dia, o autor faz o giro que lhe permite tratar a questão da educação do modo psicanalítico — o que quer dizer que buscará manejar ali algo da ordem de um mal-estar que, embora seja universal, sempre se apresenta em versões singulares.

É dessa forma que o autor começa por notar que, na versão singular de nosso mal-estar na educação, o impossível da educação não é mais aquele de que Freud falava. Freud o tomava como o resultado de uma inadequação estrutural entre meios e fins, ou seja, de que o impossível está no fato de se esperar que o cálculo da porta de entrada se confirmará exato na saída. Mas, quando assim o fazia, renunciava apenas ao cálculo idealizado e não ao ato educativo.

Nos dias de hoje, porém, como bem o demonstra esse livro, é o cálculo idealizado que se estima e ao ato educativo que se renuncia.

Tal cálculo se sustenta sobre aquilo que o autor chama adequadamente de psicologização do cotidiano escolar, ou seja, a partir de uma perspectiva de cientificizar a educação. E se isso se encontra em relação direta com a renúncia ao ato educativo, não é senão porque este último se dá quando um sujeito (adulto) se coloca diante de outro (criança) de maneira a inocular nele um fragmento qualquer de cultura, esperando, é claro, que ele possa reproduzi-lo fielmente, mas ao mesmo tempo com a tolerância para com a impossibilidade de uma reprodução completa. Com a cientificização, essa relação, que é de sujeito a sujeito, desloca-se para aquela que é própria da ciência: a relação sujeito-objeto. Trata-se, pois, de fazer com que as crianças se adaptem àquilo que a ciência (psicologia e pedagogia) lhes prescreve. O que se promove, portanto, com a cientificização da educação, bastante considerada neste livro, é a naturalização do ser humano, quer dizer, a compreensão de que nele já habitam potencialidades, universais e a-históricas, que só precisam ser estimuladas para que se desenvolvam.

Da psicologia buscou-se retirar aquelas que seriam as tais potencialidades de modo a tentar adequar a elas as metodologias mais eficazes para seu desenvolvimento. Nesse sentido, educar passa a ser sinônimo de desenvolver as potencialidades, que, de obra conceitual, passam a ser supostas como dadas pela natureza.

O que essa psiconaturalização do homem negligencia é exatamente aquilo que a psicanálise demonstra

marcando-se como antítese: a de que o humano é um *artifício*. Artifício esse que a cada geração precisa ser produzido, transmitido e transformado para que cada cultura (artifício de uma dada coletividade) possa manter sua capacidade fundamental: produzir e agregar sujeitos.

Antecipando-se aos que veriam nesse argumento uma característica reacionária, conservadora, o autor assinala que tradição e ensino tradicional não são termos que se equivalem. Enquanto o primeiro é a possibilidade mesma de que haja algo a ser transmitido, o segundo é apenas uma opção metodológica. Assim, quando se opta, portanto, por construir um ato (o pedagógico, nesse caso) com base em um saber livresco da ciência, não se pode senão repetir o destino de Dom Quixote, o cavaleiro de triste figura, que também, como se sabe, forjou tal nome a partir de livros que lia, rompendo com aquele próprio, representante de sua história — o destino de lançar-se a *batalhas imaginárias*.

Dessa forma, podemos encontrar nesse livro as batalhas imaginárias a que se lançam os educadores modernos. Munidos do saber livresco que informa sobre as capacidades psíquicas a serem desenvolvidas, logo encontram seus primeiros e ferozes inimigos: a indisciplina escolar e os problemas de aprendizagem. Como bem diz o autor, *criaturas do discurso psicopedagógico hegemônico*. E, tal como nos mostra a psicanálise, o inflacionamento imaginário sempre se dá ao preço de uma *deflação simbólica*. Se na escola as questões mais discutidas são as tais *batalhas imaginárias*, isso se dá porque aquilo para o que se monta um dispositivo educativo encontra-se em deflação. É com essa lógica que o autor

trabalha, mostrando a armadilha que o imperativo moderno de calcular a partir da ciência o ato educativo montou para os que trabalham com a educação. E o faz com um estilo extremamente claro, surpreendendo aqueles que poderiam esperar uma mistura do estilo denso acadêmico com o hermetismo psicanalítico. Ao contrário, o que se encontra é o *dia-a-dia* da escola discutido de um jeito simples e bem articulado, dando a impressão de um bate-papo com o leitor. E, se a uma certa altura do texto alguns podem ficar com a impressão de que há uma condenação dos saberes positivos (científicos) sobre o campo educacional, logo essa impressão se desfaz quando se percebe que o cerne da discussão proposta não é técnico, mas ético. Não se corre o risco de *ver o bebê ser jogado fora junto com a água suja da banheira*. Não se trata, em nenhum momento (e quem conhece o livro anterior do mesmo autor e pela mesma editora, *De Piaget a Freud*, pode confirmar) de criticar o saber científico, mas de tomar em causa a cientificização da educação. A questão central é ética, pois se trata de resgatar aquilo *para que serve a educação*, mostrando que essa questão nunca deve ser tornada secundária em prol daquela que pergunta sobre o *como*.

Um resgate que é feito ao modo psicanalítico, ou seja, implicando (não culpabilizando) os sujeitos educadores em seus atos educativos. Um resgate também que se coloca dentro da perspectiva foucaultiana ao demonstrar que o problema político da educação não está *só no alto da torre* — falta de investimentos governamentais, sucateamento do aparelho escolar etc. — mas também no *fundo dos corredores*, ou seja, no ato de cada agente pedagógico. Um resgate que é muito bem-vindo em épocas

eugênicas como a nossa, nas quais deseja-se que o homem supere sua humanidade, como bem o demonstram as evoluções na ciência genética e suas clonagens possíveis, as teorias psicológicas do pensamento positivo que garantem que ninguém precisa angustiar-se, e os cursos de leitura dinâmica que prometem um aprendizado sem esforço.

Nesse livro vê-se o *impossível da educação* proferido por Freud fertilizar o campo educativo em vez de se instalar como um dogma paralisante. Mais operativo e mais otimista, portanto, que o *impossível da educação* contemporâneo bem mais ao modo de uma *impotência*. Assim, poderíamos dizer ser este o lema desse livro: contra uma *impotência paralisante* um *impossível fertilizante*.

Rinaldo Voltolini

Universidade Capital; Universidade de São Paulo